

DESENVOLVIMENTO MORAL: DE PIAGET A KOHLBERG

Lucila Diehl Tolaine Fini*

INTRODUÇÃO:

A socialização ocorre ao longo do desenvolvimento humano e constitui um processo gradual e cumulativo.

Um problema fundamental para ser pesquisado em socialização no campo do desenvolvimento humano é procurar compreender como os indivíduos chegam a assumir os valores que orientam seu comportamento, como ocorre o desenvolvimento moral. Esse problema ganha perspectiva e se apresenta como de importância no presente, para professores e orientadores educacionais, no contexto da sociedade contemporânea, em relação ao que se convencionou chamar de crise de valores, bem como quando se analisa quão significativas são as considerações morais como elementos do comportamento humano.

A "moralidade" de crianças e jovens é uma preocupação marcante dos adultos em geral. Os pais, em especial, preocupam-se com seus filhos, desejando que evitem violar regras e leis e que apresentem comportamentos considerados adequados, mesmo distante de suas vistas e evitem complicações de qualquer espécie.

No presente pode-se constatar um acentuado interesse pelo desenvolvimento moral de crianças e jovens, em especial por parte de psicólogos, educadores e pesquisadores dos dois campos.

*Departamento de Psicologia da Faculdade de Educação, UNICAMP.

Em área tão ampla e complexa como a do desenvolvimento moral, que abrange inúmeras ramificações, pode-se perceber no campo de Psicologia um interesse crescente pelo desenvolvimento moral e pelo estudo do julgamento moral, em especial depois da publicação dos trabalhos de Piaget (1932) e Kohlberg (1958, 1966, 1968...).

Kohlberg, pesquisador norte-americano, interessou-se pelo estudo do desenvolvimento moral ainda durante seu curso de graduação, estudando a teoria psicanalítica quanto à formação do super ego, em comparação com o trabalho de Piaget.

Insatisfeito com o enfoque de teoria psicanalítica e das teorias de aprendizagem social para explicar a socialização e considerando a aplicabilidade do enfoque cognitivo, Kohlberg dedicou-se ao estudo do desenvolvimento moral, redefinindo os estágios de julgamento moral propostos por Piaget (1932).

Piaget e o Desenvolvimento Moral

Estudando o desenvolvimento moral, Piaget preocupou-se com o aspecto específico do julgamento moral e com os processos cognitivos subjacentes a ele. Estudou o desenvolvimento moral e definiu estágios através de entrevistas e observação de crianças em jogos de regras.

As pesquisas de Piaget lhe permitiram concluir que existem diferenças quanto ao respeito às regras em crianças de idades diferentes, distinguindo-se as fases de anomia, heteronomia e autonomia moral. Na fase de heteronomia moral a criança percebe as

regras como absolutas, imutáveis, intangíveis. As regras têm um caráter místico podendo ser consideradas como de origem divina. Nessa fase a criança julga a ação como boa ou não com base nas consequências dos atos, sem uma análise mais ampla e sem considerar as intenções do autor da ação. Considera que se um indivíduo foi punido por uma determinada ação, esta ação é errada.

A criança tende a considerar que sempre que alguém é punido esse alguém deve ter feito algo de errado, assumindo uma conexão absoluta entre a punição e o erro.

Para uma criança de seis anos, se um menino deixar seu doce cair em um lago ele é culpado por ser bobo e não deve ganhar outro doce.

A criança de seis anos dirá provavelmente que um menino que quebrou cinco copos enquanto ajudava a mãe é mais culpado do que aquele que quebrou um copo enquanto roubava geléia.

Piaget percebeu que a criança pequena tem dificuldades para levar em conta as circunstâncias atenuantes enquanto um adolescente já faz julgamentos com base na equidade, sendo capaz de pensar em termos de possibilidades e de um número maior de alternativas.

Na fase da autonomia moral (entre 8 e 12 anos) o propósito e consequências das regras são consideradas pela criança e a obrigação baseada na reciprocidade. A criança se caracteriza pela moral da igualdade ou de reciprocidade; percebe as regras como estabelecidas e mantidas pelo consenso social. Piaget constatou que por volta de 10 anos a criança passa a perceber a regra como o resultado de livre decisão, podendo ser modificada, e como digna de respeito, desde que mutuamente consentido.

Kohlberg e a Pesquisa sobre Julgamento Moral

Tentando compreender o desenvolvimento moral, Kohlberg realizou uma série de pesquisas com crianças e jovens dos Estados Unidos da América, do México, da China (Taiwan), da Turquia e da Malásia (Atayal).

A fonte original da definição dos estágios de desenvolvimento moral foi o levantamento de dados realizado por Kohlberg junto a 75 rapazes, de classe média, da zona urbana de Chicago, divididos em três grupos etários de 10, 13 e 16 anos. Nesse estudo, seguindo o desenvolvimento em intervalos de 3 em 3 anos, utilizando o método de entrevistas inspirado em Piaget, o pesquisador apresentou aos sujeitos, dilemas morais hipotéticos, para serem analisados um de cada vez. Cada sujeito era solicitado a julgar os dilemas e apresentar justificativas das respostas apresentadas. Nesse processo, o entrevistador tinha o cuidado de procurar deixar o sujeito à vontade para responder livremente e de fazer perguntas, procurando respostas adicionais, para maior esclarecimento quanto às justificativas, tentando, assim, esquadrihar todos os raciocínios subjacentes à resposta.

Esse estudo permitiu a conclusão de que há tendências etárias quanto ao uso de tipos de raciocínio moral exibido nas respostas e verificar um conjunto de aspectos do julgamento moral.

A partir da análise das respostas e dos raciocínios apresentados pelos sujeitos, Kohlberg definiu estágios de desenvolvimento moral (Quadro I) e vinte e cinco aspectos de julgamento

moral. Os estágios foram definidos com base no modo como as crianças respondiam às questões sobre os dilemas em relação aos aspectos de julgamento moral. De acordo com as afirmações apresentadas, cada sujeito analisado é enquadrado em um estágio de desenvolvimento moral.

Kohlberg estudou também crianças e jovens de classe média e de zona urbana do México e Taiwan, Canadá e Grã-Bretanha, comparando os resultados com aqueles obtidos entre crianças de zona urbana dos Estados Unidos da América e ainda com os resultados obtidos em aldeias isoladas na Turquia e no Yucatan. No conjunto de pesquisas realizadas foram entrevistados sujeitos em diferentes países, sujeitos da zona urbana e da zona rural, católicos, judeus, protestantes, budistas e ateus.

Kohlberg apresentava aos sujeitos da pesquisa uma seqüência de histórias ou dilemas morais hipotéticos destinados a colocar o indivíduo diante de um conflito entre a conformidade habitual a regras ou à autoridade em oposição a uma resposta utilitária ou de bem maior. Os dilemas apresentam conflitos entre padrões simultaneamente aceitos por grande parte da comunidade.

QUADRO I - NÍVEIS E ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO MORAL,
SEGUNDO KOHLBERG, 1969.

NÍVEL I - Pré-convencional

O valor moral localiza-se nos acontecimentos externos, "quase" físicos, em atos maus ou em necessidades "quase" físicas, mais do que em pessoas ou padrões.

Estágio 1 - orientação para a obediência e castigo. Deferência egocêntrica, sem questionamento, para o poder ou prestígio superior ou tendência para evitar aborrecimentos.

Estágio 2 - orientação ingenuamente egoísta. A ação correta é a que satisfaz instrumentalmente às próprias necessidades e, eventualmente, às de outrem. Consciência do relativismo do valor relativo das necessidades e perspectivas de cada um. Igualitarismo ingênuo e orientação para troca e reciprocidade.

NÍVEL II - Convencional

O valor moral localiza-se no desempenho correto de papéis, na manutenção da ordem convencional e em atender às expectativas dos outros.

Estágio 3 - orientação do bom menino e boa menina. Orientação para obtenção de aprovação e para agradar aos outros. Conformidade com imagens estereotipadas ou papéis naturais e julgamento em função de intenções.

Estágio 4 - orientação de manutenção da autoridade e ordem social. Orientação para cumprir o dever e demonstrar respeito para com a autoridade e para a manutenção da ordem social como um fim em si mesmo. Consideração pelas expectativas merecidas dos outros.

NÍVEL III - Pós-convencional, autônomo ou nível de princípios

O valor moral localiza-se na conformidade para consigo mesmo, com padrões, direitos e deveres que são ou podem ser compartilhados.

Estágio 5 - orientação contratual legalista. Reconhecimento de um elemento ou ponto de partida arbitrário nas regras, no interesse do acordo. O dever é definido em termos de contrato ou de evitar, de forma geral, a violação dos direitos dos outros e da vontade e bem-estar da maioria.

Estágio 6 - orientação de consciência ou princípios. Orientação não apenas para regras sociais realmente prescritas, mas para princípios de escolha que envolvem apelo à universalidade lógica e consistência. Orientação para consciência, como agente dirigente, e segundo respeito e confiança mútua.

Observe-se que um dilema difere das estórias que se contam às crianças, onde: o bem e o mal se contrapõem; o bom sempre aparece como vencedor; onde a criança recebe a resposta pronta do adulto ou o adulto apresenta a solução correta.

Utilizando o método clínico, como Piaget, o pesquisador apresentava a cada sujeito um dilema de cada vez, solicitando-lhe que o julgasse e apresentasse justificativas para as escolhas ou soluções.

Dentre os dilemas utilizados por Kohlberg, o mais amplamente divulgado é o seguinte: "A esposa de um homem estava morrendo. Havia um remédio que a salvaria mas era muito caro e o farmacêutico que o inventara não vendia por preço mais baixo. O homem deveria roubá-lo para salvar a esposa?"

O caso de Tommy é um exemplo, apresentado por Kohlberg, de estágios de desenvolvimento de julgamento moral, quanto ao "Valor da Vida Humana". O pesquisador apresentava o seguinte dilema:-

"É mais importante salvar a vida de uma pessoa importante ou de um número grande de pessoas que não são importantes?". Apresentado a Tommy, quando ele tinha 10 anos, foi obtida a seguinte resposta:-

"De todos que não são importantes porque uma pessoa tem apenas uma casa e pode ter também móveis mas um número grande de pessoas terá uma quantidade grande de móveis e pode ter bastante dinheiro". No caso, Tommy, no estágio 1, confunde o valor da vida humana com o valor dos bens que possui.

Aos 13 anos, diante do dilema: "De um médico praticar a eutanásia, deixar morrer uma mulher doente que não tem cura para livrá-la de sua dor?" Tommy respondeu: "poderia ser bom aliviar sua dor mas o marido não iria querer, não é como o caso de um animal. Se um bicho de estimação morre você pode continuar sem ele, pois não é algo que você realmente necessita".

A resposta é do estágio 2, sendo o valor da vida relativo ao valor instrumental para seu marido o qual não poderia substituí-la tão facilmente quanto a um animal de estimação.

Em outro estudo verificou que, com a idade de 13 anos, Ricardo dizia sobre a morte ou eutanásia: "Se o indivíduo pede isto, se ele está em terrível sofrimento deve ser atendido. É o mesmo caso de quando as pessoas aliviam o sofrimento de animais!" Ricardo demonstra aqui uma combinação de estágio 2 e estágio 3 quanto ao valor da vida.

Aos 16 anos ele diz: "Não sei. Por um lado é assassinato, não é direito ou privilégio do homem decidir quem deve morrer ou viver. Deus coloca vida em alguém e você estaria destruindo algo sagrado; em algum sentido você está destruindo uma parte de Deus. Há algo de Deus em cada pessoa".

Aqui pode-se assinalar o estágio 4. O conceito de vida em termos de sagrado e em termos de uma ordem moral ou religiosa. O valor da vida humana é universal, mas ainda dependente de algo mais, do respeito à autoridade de Deus. Pode-se imaginar que, se Deus ordenasse a Ricardo matar como ordenou a Abrahão, ele o faria.

Aos 24 anos Ricardo diz: "O ser humano tem precedência sobre qualquer valor legal ou moral. A vida humana tem um valor inerente a ela, seja ou não valorizado pelo indivíduo!" Ricardo mostra um julgamento do tipo do estágio 6.

Em outro estudo, Kohlberg pedia a um menino que julgava a seguinte estória: "A mãe de uma criança (Pedrinho) pediu-lhe que tomasse conta do irmão menor enquanto ia ao armazém. A criança tomou conta do irmão mas quando a mãe voltou bateu em Pedrinho".

Um menino de 4 anos julga o comportamento da criança como mau já que ela havia sido punida. Entrevistados de 5 ou 6 anos tentavam inventar razões para a punição, tais como: "se foi punido foi porque fez algo errado". Crianças entre 7 e 8 anos já não assumiam logo de início que o fato de ter sido punido significasse que o indivíduo tivesse mau comportamento.

Os resultados das pesquisas permitiram a Kohlberg concluir que, apesar de possíveis diferenças quanto à idade em que as crianças alcançam cada estágio, há uma seqüência universal de estágios. Quanto ao caso de raciocínio moral, não se detectam diferenças de cultura para cultura ou entre católicos, protestantes, judeus, budistas e ateus.

Depois da primeira elaboração teórica e definição do esquema de desenvolvimento moral, a teoria e a ocorrência dos estágios de desenvolvimento moral tal como definido por Kohlberg, vem sendo estudada por ele e por outros pesquisadores nos Estados Unidos em países diferentes (Canadá, Grã-Bretanha, Estados Unidos da América, Turquia, México, Malásia, incluindo o Brasil) desde seu primeiro trabalho até os dias de hoje.

Estágios de Desenvolvimento Moral e Critérios de
Teoria Cognitiva Evolutiva

Em 1971, Kohlberg conclui que os estágios por ele definidos atendem aos critérios gerais de estágios de teoria cognitiva evolutiva como se segue:

- estágios constituem estruturas de conjunto ou sistemas organizados de respostas que implicam em diferenças qualitativas nos modos de pensamento. Os estágios de julgamento moral implicam em estruturas de conjunto e não em respostas aprendidas quanto a situações específicas. Trata-se de formas ou padrões de respostas, que independem do conteúdo. O indivíduo pode inclusive utilizar o mesmo padrão para sustentar uma escolha, de acordo com uma alternativa ou com outra diante de um dilema. Exemplo: por que roubar ou por que não roubar usando o mesmo padrão de resposta de um mesmo estágio?

O desenvolvimento moral nesse sentido não implica no "conhecimento" das regras da cultura dos valores. O que importa é que o julgamento muda em sua forma cognitiva no padrão do raciocínio apresentado.

- Estágios implicam em uma seqüência invariável, em ordem constante. Isto não quer dizer que todo indivíduo alcança determinado estágio com a mesma idade. A ordem não implica em cronologia constante ou que todos alcancem cada estágio na mesma idade, mas que não ocorrem saltos. O indivíduo não chega ao estágio 3 sem passar pelo estágio 2.

- Os estágios têm um caráter de integração hierárquica, formando ordem de estruturas crescentemente diferenciadas e integradas. Isto quer dizer que as estruturas de um estágio determinado tornam-se parte integrante de estruturas dos estágios seguintes. Os indivíduos compreendem os raciocínios de estágios anteriores àqueles em que estão mas preferem os do estágio mais elevado.

Desenvolvimento Moral e Desenvolvimento Intelectual

Os resultados de pesquisa demonstraram que existe correlação entre o nível de desenvolvimento cognitivo e de desenvolvimento moral o que não significa a exigência de conhecimentos de qualquer espécie. A dimensão cognitiva do julgamento moral implica que há mudanças na forma cognitiva do raciocínio ao longo do desenvolvimento, o que independe do conteúdo do problema moral analisado. As pesquisas têm mostrado que o indivíduo precisa ser capaz de fazer proposições lógicas, classificar e considerar possibilidades e hipóteses, bem como de deduzir implicações para que possa elaborar julgamentos morais de níveis mais elevados. É preciso que o indivíduo tenha alcançado o estágio de operações formais do desenvolvimento cognitivo para que possa elaborar julgamentos ao nível 3, dos princípios (Quadro I).

O indivíduo que atinge o nível do pensamento formal, no que se refere ao desenvolvimento cognitivo, tem capacidade de contemplar o possível, destacando-se do concreto, de admitir suposições, de coordenar pontos de vista, argumentar, expressar-se por proposições e trabalhar com proposições. Nesse nível preocupa-se

com problemas não atuais, com variedade de sistemas sociais, analisa os fatos no conjunto dos possíveis, não aceita afirmações sem comprovação e não atribui significado a um fato isolado do conjunto.

Se o desenvolvimento cognitivo é condição necessária para o desenvolvimento moral, não constitui, no entanto, condição única e suficiente.

São fatores de desenvolvimento moral: a) o nível de desenvolvimento cognitivo; b) o ambiente; c) as interações sociais e d) as oportunidades de desempenho do papel.

Julgamento Moral e Interação Social

De acordo com estudos desenvolvidos por Piaget e Kohlberg, o desenvolvimento no julgamento moral é estimulado pela interação social nos grupos de iguais e nas famílias.

As pesquisas mostram que naquelas famílias onde a criança é ouvida e considerada, onde os problemas comuns e assuntos em geral são debatidos, onde se permite que a criança participe nas discussões e nas quais as conclusões são acompanhadas de argumentação, há uma facilitação do desenvolvimento moral.

O nível de desenvolvimento moral é afetado pela exposição do indivíduo a diferentes níveis de raciocínio moral.

Em 1968, um aluno de Kohlberg, Blatt, desenvolveu um programa de debates em uma escola dominical e através dele verificou o seguinte: quando expostos a raciocínio a um nível acima dos seus os indivíduos tendem a passar para o nível seguinte de desen-

volvimento moral. Foi constatado nesta e em outras pesquisas que os encontros entre crianças na sala de aula ou no recreio forçam as crianças a perceberem motivos e sentimentos de outras pessoas, e estimula o desenvolvimento moral.

Desempenho de Papel e Julgamento Moral

Um outro fator de desenvolvimento moral, postulado por Kohlberg, é o desempenho de papel, processo de colocar-se no lugar do outro e de tirar inferências sobre as opiniões morais dos outros. SELMAN (1971) analisou o nível das operações cognitivas empregadas para fazer tais inferências.

Um outro aspecto no entanto, que mereceria atenção é a extensão com que o indivíduo pode identificar diferentes perspectivas sociais assumidas diante de um determinado dilema. Diante de um questionário sobre raciocínio moral, os indivíduos são capazes de responder como eles próprios raciocinariam, como um filósofo raciocinaria, como um policial médio raciocinaria, apontando estereótipos sociais de julgamento moral.

Comportamento Moral e Julgamento Moral

Assim como Piaget, Kohlberg estudou o julgamento moral ou o raciocínio e não a ação ou a conduta moral. No entanto, suas pesquisas indicaram que existe uma correlação entre os níveis de julgamento moral e o comportamento moral. Indivíduos que se situam nos níveis mais altos tendem a apresentar melhor comportamen-

to moral do que os de níveis mais baixos. Os resultados de pesquisa permitiram concluir que o julgamento moral maduro ou de nível mais elevado seria uma condição necessária mas não suficiente para a melhor conduta moral. Pode-se raciocinar em termos morais sem apresentar conduta moral ou sem seguir os princípios morais.

Porém, os indivíduos do nível de princípios tendem a roubar menos do que os do nível convencional. Essa pesquisa reunia, no início, um grupo de 75 sujeitos que tinham, no início do estudo, entre 10 e 16 anos e ao final entre 22 e 28 anos. (Cabe observar que ainda no presente, Kohlberg acompanha o desenvolvimento moral destes mesmos sujeitos).

Kohlberg e a Educação Moral

A proposta de Kohlberg para Educação Moral baseia-se, como era de se esperar na sua teoria, em dados de pesquisa sobre Desenvolvimento Moral e em especial, em pesquisas que verificaram aspectos mais diretamente ligados a esse problema (Blatt, 1969), (Kohlberg, 1973) e (Hickey, 1974), (Kohlberg & Selman, 1972).

As proposições básicas de Kohlberg são: de que existe uma seqüência culturalmente universal de estágios de desenvolvimento moral e de que é possível estimular o desenvolvimento moral nas escolas.

Propõe como alvo para a Educação Moral, a estimulação do movimento para os estágios mais elevados da seqüência e argumenta que a estimulação do desenvolvimento do julgamento moral do indivíduo é uma alternativa para educação moral em oposição a

programas de imposição de modelos exteriores, virtudes pré-definidas pelos professores e outros adultos.

Em 1968, como aluno de Kohlberg, Blatt desenvolveu um programa de debates em uma Escola Dominical Judia.

O projeto piloto de Blatt, foi desenvolvido em encontros entre alunos e um professor, várias vezes na semana, em classes pequenas compostas por 9 a 13 alunos de diferentes estágios de desenvolvimento moral. O professor apresentava à classe um dilema moral de cada vez, lido em voz alta, após o que solicitava que os alunos discutissem as prováveis soluções. Cabia ao professor, além de introduzir o dilema, coordenar a discussão. Essa coordenação incluía um exame minucioso de opiniões, dos raciocínios subjacentes às escolhas, a atenção aos níveis de desenvolvimento de cada aluno e aos níveis correspondentes dos raciocínios apresentados. Cabia ainda ao professor apresentar o raciocínio de um nível acima daquele do aluno de nível de desenvolvimento mais elevado da classe.

Cada dilema era discutido até que os alunos, e em especial o professor, considerassem o assunto esgotado, após o que, outro dilema era apresentado.

Analisando esse programa, a apresentação do dilema após dilema pode redundar em monotonia. Pode-se utilizar outras estratégias, como apresentação de filmes, histórias ou documentários históricos, bem como jogos estimulantes ou dramatização sobre dilemas.

Kohlberg propõe que o professor que não pretende ser doutrinário deve definir objetivos para sua atuação baseado no en-

foque cognitivo evolutivo do julgamento moral e preocupar-se com o nível de desenvolvimento de seu aluno, em lugar de preocupar-se em impor regras segundo as conveniências administrativas ou valores definidos pelo estado.

A ênfase maior de Kohlberg é no sentido de que o educador fique cõnscio de que sua atuação sempre implica em questões de valor e que se preocupe em não transmitir aos alunos apenas valores competitivos da sociedade e comportamento conformista a padrões administrativos.

A atuação do educador deve ser considerada não apenas em relação a aulas de educação moral mas a outros aspectos do currículo. Nesse conjunto o professor deve estimular o desenvolvimento do julgamento moral da criança e não a conformidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSUBEL, D.P. & SULLIVAN, E.V. Theory and Problems of Child Development, New York, Grune & Stratton, secon edition, 1970.
- BLATT, M. & KOLHBERG, L. "The Effects of Classroom Discussion on the Development of Moral Judgement", in Journal of Moral Education, 129-162, 1975.
- BZUNECK, J. Aloyseo. Desenvolvimento Moral: Avaliação dos Estágios Kohlbergianos em Crianças e Adolescentes de Londrina, Tese de Mestrado não publicada, USP, São Paulo, 1975.

- _____. Julgamento Moral de Adolescentes Delinquentes e não delinquentes em relação com ausência paterna, São Paulo: USP-Instituto de Psicologia, Tese de Doutorado, 1979.
- FINI, Lucila D.T. Análise do Desenvolvimento Moral em Kohlberg, Campinas: UNICAMP-FE, Dissertação de Mestrado, 1979.
- _____. Desenvolvimento Moral: de Piaget a Kohlberg. Trabalho apresentado no V Encontro Nacional de Professores do PROEPRE, Faculdade de Educação, UNICAMP, Lindóia, São Paulo, 1988.
- FREUD, S. Civilization and its Discontents, London: Hogarth Press, 1955.
- FROMM, E. Man for Himself, New York Rinehart, 1949.
- HARTSHORNE H. & MAY, M.A. Studies in the Nature of Character, (3 vols.). New York, Macmillan, 1928-1930.
- HERSH, Richard e alii. El Crescimento Moral de Piaget a Kohlberg, Madrid, Narce: S/A de Ediciones, 1984.
- HORNEY, K. The Neurotic Personality of our Time, New York, W.W. Norton & Co., 1937.
- KOHLBERG, L. The Development of Moes of Moral Thinking and Choice in the Years Ten to Sixteen, Unpublished doctoral dissertation, University of Chicago, 1958.
- _____. "Moral Development and Identification", in STEVENSON, H. (eds.), Child Psychology, 62nd Yearbook of the National

Society for the Study of Education, Chicago, Illinois: University of Chicago Press, 1963.

_____. "Moral Education in the Schools: A Development View", The School Review, 1966, 74, 1-30, p. 3 e 14.

_____. "The Child as a Moral Philosopher", Psychology Today, 2, 25-30, 1968.

_____. "Stage and Sequence: the Cognitive-Developmental Approach to Socialization", in Goslin, D. (Ed.), Handbook of Socialization: Theory and Research, New York, Rand McNally, 1969.

_____. "From is to ought: How to comit the naturalistic falaw and get away it in the study of moral development". In: MISCHEL, T. (Ed.), Cognitive Development and Epistemology, New York and London: Academic Press, 151-235, 1971.

KOHLBERG, L. & KRAMER, R. "Continuities and Discontinuities in Childhood and Adult Moral Development", Human Development, 12, 1969.

KOHLBERG, L. e alii. Desenvolvimento como Meta da Educação, Harvard Educational Review, nº 424, nov., 1972, p. 449-496.

PIAGET, J. Le Judgement Moral Chez L'Enfant, Paris, France, Presses Universitaires, 1973 (original de 1932).

REST, J. Development Hierarchy in Preference and Comprehension of Moral Judgement, Unpublished doctoral dissertation, University of Chicago, 1968.

REST, J; TURIEL, E; KOHLBERG, L. "Relations Between Level of Moral Judgement and Preference and Comprehension of Moral Judgement of Others, Journal of Personality, 1969.

SELMAN, R.L. "The Relation of Role-Taking to the Development of Moral Judgement in Children", Child Development, 42, 72-91, 1971.

SEARS, R.R.; RAU, L.; ALPERT, R. Identification and Rearing, Stanford, Stanford University Press, 1965.

TURIEL, E. "An Experimental Test of the Sequentiality of Developmental Stage in the Child's Moral Judgement", Journal of Personality and Social Psychology, 3 (6), 611-18, 1966.

RESUMO

O artigo versa sobre estudos realizados por Kohlberg, pesquisador norte-americano, a respeito do "desenvolvimento moral". Insatisfeito com o enfoque da teoria psicanalítica e das teorias de aprendizagem social para explicar a socialização, dedicou-se a analisar a questão a partir do enfoque cognitivo, redefinindo os estágios de julgamento moral propostos por Piaget.

Após uma rápida passagem pelas fases propostas por Piaget, o artigo discorre sobre as pesquisas de Kohlberg, os níveis e estágios de desenvolvimento moral propostos pela sua teoria e alguns resultados e conclusões para a ação pedagógica.

RESUMEN

Este artículo trata de estudios realizados por Kohlberg, investigador norte-americano, en relación al "desenvolvimiento moral". Insatisfecho con el enfoque de la teoría psicoanalítica y con las teorías del aprendizaje social para explicar la socialización, este autor se dedicó a analizar el asunto partiendo del enfoque cognitivo, redefiniendo las etapas del juicio moral propuestos por Piaget.

Después de una rápida discusión de las etapas propuestas por Piaget, el artículo discute las investigaciones de Kohlberg enfocando los grados y las etapas de desarrollo moral propuestos en su teoría. También son discutidos algunos de los resultados y algunas de sus conclusiones en relación a la acción pedagógica.